

O CONCEITO DE CRIAÇÃO NA TEORIA PEIRCEANA

CECÍLIA ALMEIDA SALLES

RESUMO - O objetivo deste texto é, em um primeiro momento, fazer uma reflexão sobre o propósito da Crítica Genética - o estudo do processo criativo - para, em seguida, discutir a relação deste propósito com a teoria de Charles Sanders Peirce.

ABSTRACT - The object of this text is first to reflect upon the aim of Textual Genetics - the study of the creative process- in order to discuss the relationship between this aim and Charles Sanders Peirce's theory.

RÉSUMÉ - Partant d'une réflexion sur le but de la Critique Génétique - l'étude des processus de création - cet article discute les rapports entre ce but et la théorie de Charles Sanders Peirce.

*

CECÍLIA ALMEIDA SALLES é presidente da APML e Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP. É também autora de Crítica Genética - Uma Introdução, São Paulo, EDUC (no prelo).

Devo fazer alguns esclarecimentos sobre o título dado à minha participação nesse curso: "O conceito de criação na teoria peirceana".

Parto de que todos nós, aqui, quando falamos em criação nos referimos à criação literária ou, mais amplamente, à criação artística. Essa ressalva é importante na medida em que estou me propondo a falar sobre criação na teoria peirceana. Explico melhor:

Embora para muitos a teoria peirceana limite-se à Semiótica (e para outros ainda a ícone, índice e símbolo), essa é uma visão atrofiadora de uma arquitetura filosófica que sonhava ser geral e abstrata. Não é este aspecto da teoria de Peirce que desenvolverei aqui, por fugir de meu objetivo. No entanto, não podemos nos esquecer que uma consequência de estar lidando com uma teoria com essas características é que se eu disser, por exemplo, que vou falar em "criação na teoria peirceana", isto pode ser entendido, e sem muita surpresa, que me dedico a estudos teológicos e faço um estudo sobre a criação divina.

Tenho me perguntado muito, ultimamente, o porquê desse interesse nosso e de tantos outros pelo processo de criação artístico - interesse esse que parece vir aumentando recentemente. Isso podemos perceber pelo número crescente de depoimentos e entrevistas com criadores das mais diversas áreas que acabam discutindo o tal do processo criativo.

O aumento de interesse é bom, por um lado, mas, se considerarmos esse aspecto dos entrevistadores e entrevistados querendo entender e explicar o processo de criação (isso sem mencionar as milhares de oficinas de texto que pretendem ensinar o processo), tudo isso tem levado a uma visão extremamente simplista de um processo tão complexo e harmonioso. Não sei se a visão romântica do artista inspirado não era, ao menos, mais recatada e estética (embora também não fiel ao processo).

Mas volto: por que o interesse pela criação ?

Encontrei, de forma indireta, em Bachelard (1) a resposta que procurava. Por que esse interesse pelos bastidores da criação ? O fascínio da obra acabada já não seria suficiente

para sobrevivermos ?

Bachelard, citando Hans Carossa, explica que o homem é a única criatura da terra que tem vontade de olhar para o interior de outra. Ele detecta a falha, a fenda, a fissura pela qual se pode violar o segredo das coisas ocultas. As forças psíquicas em ação pretendem deixar os aspectos exteriores para ver outra coisa, ver além, ver por dentro, em suma, escapar à passividade da visão.

Peirce fala da existência de dois instintos que deram na evolução dos dois tipos de ciência. O instinto de alimentação que nos levou às ciências físicas e o instinto de reprodução que nos levou às ciências psíquicas. E as ciências psíquicas, cujo objeto é a mente, levam, mais especificamente, à necessidade de conhecê-la. É o instinto de penetrar na mente humana, como Peirce o chama.

Todo conhecimento da intimidade das coisas é imediatamente um poema porque, acredito eu, o verdadeiro poema é o momento único em que a palavra atinge o cerne, a intimidade e a essência das coisas.

Transpostos os limites exteriores - a obra - quão espaço é esse espaço interno, quão repousante é essa atmosfera íntima. A confissão de Henri Michaux, também citada por Bachelard, é: "Ponho uma maçã sobre a mesa. Depois ponho-me dentro dessa maçã. Que tranquilidade !"

Um universo da intimidade nos é revelado. Vemos o avesso de todas as coisas. A imensidão íntima das pequenas coisas. O geneticista conhece essa sensação melhor do que ninguém: a intimidade do artista é por nós penetrada e damos valor incalculável a uma mínima rasura ou adição, por exemplo.

O manuscrito, como um brinquedo dotado de estrutura interna, incita uma vontade de olhar que necessita das profundezas do objeto. A obra acabada, como todos ou tantos seres organizados, se mostra e se esconde - vive em ritmo de máscara e ostentação. Esconder é uma função primária da vida - e em nosso caso da escritura acabada. Borges diz que a verdadeira obra de arte é aquela que esconde, ou não deixa transparecer, todo o trabalho que existe por baixo dela - para se chegar a ela. É uma necessidade ligada à constituição de reservas e

de recato, como explica Bachelard.

Por outro lado, o interior um tanto pueril das coisas é sempre um interior bem arrumado e é exatamente isso que vamos percebendo ao adentrarmos o mundo aparentemente caótico do manuscrito. Há uma organização interna que vamos, aos poucos, revelando - no sentido de tirar o véu.

Essa vontade de olhar para o interior das coisas, de olhar o que não se vê, o que não se deve ver - uma espécie de voyeurismo - torna a visão aguçada e penetrante. Esse desejo forma devaneios tensos - não se trata de uma curiosidade passiva que aguarda espetáculos surpreendentes mas uma curiosidade inspetora que passa a ficar atenta ao fato de que o interior tem funções de trevas tão evidentes que se deve dar a mesma importância a um esclarecimento como a um obscurecimento.

O que a educação não sabe fazer, nesse aspecto inspetor, a imaginação realiza seja como for. São os devaneios que nos dão todos os tesouros da intimidade das coisas e não tanto a teoria escolhida ou, melhor dizendo, os devaneios, ou a imaginação, nos dão até os caminhos para a escolha da teoria. A vontade de olhar alia-se a uma imaginação inventiva que prevê uma perspectiva do oculto, uma perspectiva das trevas interiores da matéria - trevas interiores do manuscrito. Estou colocando a imaginação como sustentação do método - na verdade, sustentação do método para se estudar outro método. A vontade de olhar aliada à imaginação consegue ver luzes em meio às trevas. Diz Bachelard: de uma maneira geral, cortar um fruto, uma semente, uma amêndoa é preparar-se para sonhar um universo. Todo germe de ser é germe de sonhos. O manuscrito é, sem dúvida alguma, um germe de ser, então um germe de sonhos.

A ciência sonha com explicações e leis, a crítica genética, como ciência que é, não escapa a esse desejo. Queremos encontrar, ou melhor entender, o funcionamento desse mecanismo que é o ato criativo. Vivemos numa estreita ligação com um ato eminentemente íntimo, em busca dos princípios organizacionais que regem a criação - ao menos, esse era meu desejo. Tomar um processo criativo específico como objeto de descrição, como ponto de apoio, para uma descrição com objetivos

amplios - chegar a uma possível análise do processo criativo, em termos gerais. Chegar aos pontos de encontro de diversos processos objetivando a generalização, ou seja, chegar a uma teoria semiótica da criação.

Falei da vontade de olhar e do poder da imaginação. Peirce (1.46) (2) diz que quando um homem deseja ardentemente conhecer a verdade, seu primeiro esforço será o de imaginar o que essa verdade pode ser. Devemos nos preparar para o sonho que esse germe nos propõe. No entanto, o cientista não pode continuar sua busca por muito tempo sem descobrir que a imaginação desenfreada o desviará, certamente, do caminho. Permanece verdadeiro que não há nada, mas a imaginação poderá lhe fornecer uma indicação ou sugestão sobre a explicação do fenômeno. Ela poderá olhar estupidamente para os fenômenos e nada ver - para milhares de homens uma maçã caindo era nada mais do que uma maçã caindo.

Portanto, além da paixão por aprender, há uma qualidade indispensável para o cientista: a imaginação. Mas se a imaginação desenfreada o desviará do caminho, então ele busca por um instrumental teórico que direcione sua imaginação, que a discipline. Cada dia tenho mais certeza de que a escolha desse instrumental está diretamente relacionada ao sonho do cientista, ou seja, aquilo que ele deseja explicar em seu objeto. A opção por esta ou aquela teoria reflete, sem dúvida alguma, as leis que o cientista busca.

Tenho a impressão de que todo cientista é consciente (ou não é ingênuo) de que qualquer que seja a escolha seu objeto de estudo não será totalmente coberto ou explicado. Isso, se dá, entre outros motivos, pelo próprio caráter dinâmico desse signo.

Iniciando minha pesquisa, estava consciente de que tinha diante de mim um fenômeno essencialmente dinâmico. Buscava, desse modo, uma compreensão maior do processo de escritura - não deixando de lado, é claro, a presença de um sujeito produtor desse processo. Mas estava sempre preocupada em chegar o mais perto possível dos mecanismos lógicos do processo criativo mais do que do autor propriamente dito.

Por outro lado, me via diante do material do escritor

Ignácio de Loyola Brandão, onde sentia a presença de várias linguagens interagindo no processo criativo. Meu objeto de estudo era um objeto dinâmico, de caráter intersemiótico.

Com esse desejo e a imaginação já em ação, rejeitava teorias que não me oferecessem as leis e explicações buscadas. A teoria peirceana, em sua generalidade e abstração, parecia ser adequada como ferramenta para minhas indagações quanto à elucidação do método que perpassa todo processo criativo.

A princípio, falaria peirceanamente em faro pela verdade - pressentia ser essa teoria a que mais se adequava a meus objetivos. Por sorte, essa nossa lógica natural com a qual somos dotados dificilmente falha e quanto mais me aprofundava na teoria peirceana, mais entendia minha escolha.

Não pode ser só o acaso que tenha me levado a um filósofo-cientista do século XIX (morreu no início do século XX) fascinado pelo método e que apontava, entre outras coisas, para o aspecto criativo do raciocínio - responsável pela introdução de novas idéias - o aspecto sensual e sensível do raciocínio. Estou falando, em termos científicos, da abdução - um insight, um flash certeiro que nos abre novos caminhos. Não posso me aprofundar, aqui, nesse aspecto da teoria peirceana por fugir do objetivo central de minha participação nesse curso.

Na verdade, estava diante de um filósofo da criação. Esta afirmação talvez seja insuficiente se não olharmos rapidamente para alguns aspectos da filosofia peirceana e chegarmos à:

1) semiótica peirceana, na sua essência pragmática, como uma semiótica do crescimento signico.

2) semiótica peirceana como uma semiótica "criativa" - o signo tem, por sua própria natureza, o poder de gerar outro signo.

Como aponta C.W. Spinks (3), precisamos lembrar de que o poder básico para a semiótica peirceana é a Lógica da Descoberta. Essa sua atenção mostra que estava preocupado com o exercício da invenção. Peirce sabia da necessidade de descrever a geração de idéias e a invenção de novos conceitos. A semiótica peirceana, em sua essência pragmática, é a semióti-

ca do crescimento ; é, como diz Peirce, "um princípio do crescimento de princípios" (6.585).

Desse modo, volto ao tema da aula: "o conceito de criação na teoria peirceana". A semiótica peirceana foi se mostrando cada vez mais adequada a meus objetivos por sua própria essência - como uma teoria da criação - e não porque, em algum momento, Peirce se preocupe especificamente com a criação artística ou que a teoria peirceana ofereça uma teoria da criação artística.

Tomei um dos pontos centrais da arquitetura filosófica de Peirce como sustentação teórica para minha análise. Não desenvolverei aqui essa análise mas simplesmente aponto o cerne da questão.

Encontrei uma das leis por mim sonhadas para explicar o processo criativo no conceito peirceano de causação final - isto é, um processo com um propósito - um processo evolutivo com um objetivo no futuro. Essa referência de um ideal no futuro leva a várias implicações, mas vou me deter em uma delas que é central em minha análise: o processo de causação final pressupõe uma explicação física - sugere um maquinário eficiente que conduz ao propósito. Passos concretos, físicos que tornam o alcance da meta possível para que essa meta não se torne um eterno sonho. Procuro justamente vasculhar ou dissecar esses passos concretos que o artista dá em direção a sua meta e que os manuscritos deixam aparentes. Caminho esse do caos para a ordem ; de um estado de insatisfação para outro de satisfação. Diante da corrente da continuidade, estamos sempre no meio do caminho. Artistas e geneticistas, em nosso caso específico, estão sempre no meio da cadeia e, conseqüentemente, convivem com os mitos do signo originário e do último absoluto. A ação eficiente (ou física) que produz o todo pela produção das partes. Conhecer o estado físico de um sistema é conhecer tudo o que se pode a seu respeito.

Enfim, procuro melhor entender como o escritor age a partir do momento em que é um ser completamente seduzido pelo ideal de produzir uma obra com determinadas características.

NOTAS

- (1) Bachelard, G. (1991) *A terra e os devaneios do repouso: Ensaios sobre as imagens da intimidade* São Paulo : Martins Fontes.
- (2) As citações de Charles S. Peirce, extraídas dos *Collected Papers*, seguem os procedimentos usuais dos pesquisadores peirceanos. As citações vêm seguidas pelo número que indica, a esquerda do ponto, o volume e à direita, o parágrafo.
- (3) Spinks, C.W. (1991) "Peirce and the body infinite: Stranger in a stranger land" *Face Número especial* 1 agosto 1991.

O NASCIMENTO DA ESCRITURA EM MARCEL PROUST

LILIA LEDON DA SILVA

RESUMO - A escritura de Marcel Proust : um nascimento que já é, em si, processo e que, recortando as últimas revelações da ciência, abole as noções de início, fim e sucessividade linear no espaço e no tempo, com graves repercussões para os estudos de gênese.

ABSTRACT - Proust's writing : a birth which already takes place as a process and which, as it confirms the last discoveries in science, abolishes such concepts as beginning, end and linear succession in space and time, with huge consequences for genetic studies.

RÉSUMÉ - L'écriture proustienne : une naissance qui est, dès le départ, processus et qui, à l'instar des plus récentes révélations de la science, fait table rase de concepts tels ceux d'incipit, de fin et de succession linéaire dans l'espace et dans le temps, avec des conséquences considérables pour les études de genèse.

*

LILIA LEDON DA SILVA é Secretária de Divulgação da APML e Professora no Departamento de Letras Modernas da USP.